

METHODO

PARA

APRENDER GUITARRA

SEM AUXILIO DE MESTRE

OFFERECIDO Á

MOCIDADE ELEGANTE DA CAPITAL

POR

UM AMADOR

PREÇO 200 RÉIS

LISBOA

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

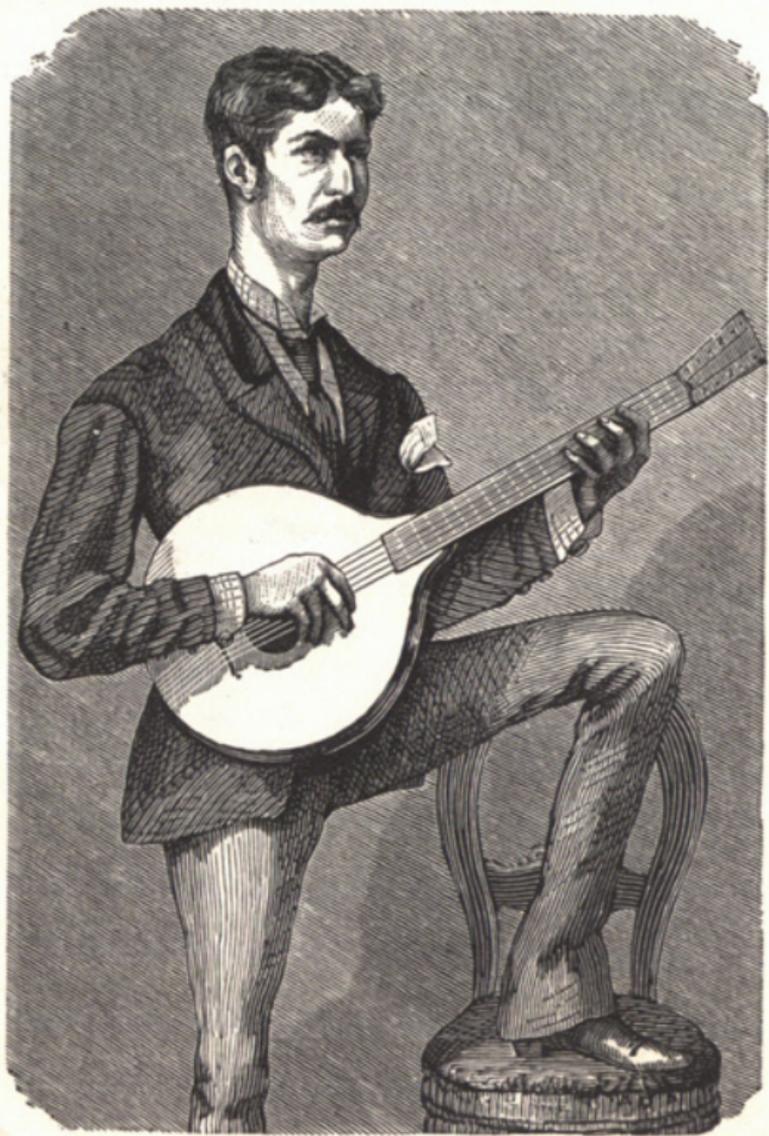
1875



METHODO DE GUITARRA

M
350
P





De Ernesto Vianna COMPRA

METHODO 2635-1938

PARA

APRENDER GUITARRA

SEM AUXILIO DE MESTRE

OFFERECIDO Á

MOCIDADE ELEGANTE DA CAPITAL

POR

UM AMADOR

R. 81194



— ❖ —

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE CHRISTOVÃO AUGUSTO RODRIGUES

145 — Rua do Norte — 145

—
1875

M/
350/3



328732
N.C.B. ~~408934~~



PREFACIO

Não vae longe o tempo em que a guitarra era dominio exclusivo das tabernas e dos cégos pedintes, e em que ninguem era capaz de a ouvir senão em algum d'estes dois casos: —ou tangida nas profundas de uma tasca repugnante e sombria, enchendo aquella atmospherá avinhada com os seus sons plangentes, que se escoavam pela porta estreita e baixa, juntamente com a fumaça dos cigarros e o cheiro nauseabundo da aguardente e do peixe frito, —ou tocada pelas mãos d'um pobre cégo e acompanhada pelos sons d'uma viola,

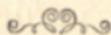
tangida por um rapaz adolescente, que, ao mesmo tempo, cantava o fado com a sua voz roufenha e desagradavel. A não ser assim, a não querer a gente misturar-se com o pouco escolhido auditorio que formava um apertado circulo em roda do cégo e do seu moço, — ou sujeitar-se a ir rondar, como um timido namorado ronda a porta do objecto dos seus sonhos, as portas das tascas de Alfama ou do Bairro Alto, para receber, d'envolta com as exhalções das tabernas, as ondas de harmonia produzidas pelo condemnado instrumento, — a não ser assim, ninguem podia gabar-se de ter ouvido os sons de uma guitarra.

Hoje tudo isto é differente. A guitarra conseguiu reassumir o poderio que em outras éras gosava, e já é tão raro haver quem não saiba o que é uma guitarra e quem não tenha ouvido as harmonias irresistiveis de um *fadinho*, como era raro, n'aquella época, haver quem se tivesse extasiado ao ouvil-as. E, para tudo estar mudado, até nem já existem tascas como

a que descrevemos, a não ser uma ou outra, contemporanea d'esses tempos felizes e hoje esquecida em algum escuso recanto de um tortuoso bêcco de algum dos bairros coévos de Lisboa.



Hoje, quem transitar pelas ruas da baixa, e mesmo a horas não muito adeantadas da noite, encontra sempre um ou dois ranchos de rapaziada alegre que, com uma ou duas guitarras na frente, lá vae gosando os prazeres da mocidade, com uma alegria franca e expansiva, propria dos vinte annos, acordando os éccos das ruas já silenciosas com os sons das suas vozes e das da guitarra. As patrulhas encontram-os e nem sequer os admoestam: sorriem, ao vêr a sua turbulenta alegria e proseguem o seu giro silencioso.



Temos já notado uma coisa singular, e que, parecendo talvez a muitos ser illusão

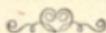
nossa, é comtudo um facto que se observa todos os dias: o guitarrista tem sempre o seu tanto de poeta, e o mais singular é que parece ser o instrumento quem lhe communica esse sentimento. Dir-se-hia que a guitarra conserva ainda todo o magico prestigio d'outras épocas, e que, ao ser tocada em uma noite serena de phantastico luar, os seus sons teem ainda o condão de nos transportarem, em ondas invisiveis de dolente harmonia,—ás ruas mysteriosas de Granada, onde as suas vozes tantas vezes suspiraram debaixo do balcão de uma janella, em que uns olhos andaluzes scintilavam de amor, enquanto a lua inundava de branca luz os phantasticos rendilhados da Alhambra, e a viração da noite murmurava por entre a ramaria dos verdes laranjaes. O guitarrista parece entrever isto, e ao passo que as suas mãos produzem machinalmente nas cordas, melodias mysteriosas, o seu espirito vagueia por outras regiões, e a mente reproduz-lhe as serenatas apaixonadas da ardente Andaluzia.

Por isso a guitarra assume novamente o seu imperio, e por isso a mocidade, — phantasiadora sempre, sempre dada a devaneios, — a adora, como ao instrumento mais poetico de todos.



Nas noites tépidas do verão, quando a população da capital enche as ruas e passeios de Lisboa, a gozar a refrigerante aragem nocturna, — o Caes das Columnas é o ponto de reunião de toda a nossa mocidade guitarrista; uns tocam alli mesmo, sentados na beira da muralha, ouvindo o manso sussurro das aguas, quebrando-se nos largos degráos de cantaria: outros alugam botes, e vão dar largas á sua veia artistica lá para o meio do rio, longe de terra e onde mal se distingue já o ruido da capital. Em noites de luar, sobretudo, o maior numero vae passeiar pelo Tejo, atravessando por entre os grandes vultos silenciosos dos navios, e quebrando a mu-

dez da noite com o som das suas alegres vozes.



Offerecendo estes attractivos, a guitarra não podia deixar de crear adeptos: assim é, com effeito, e o numero dos guitarristas augmenta em cada dia, especialmente em Lisboa, onde é immensa a voga que este instrumento tem alcançado. Julgamos, pois, prestar um serviço aos que desejam aprendel-o, offerecendo-lhes este pequeno *Methodo*, onde encontrarão tudo o que é necessario saber-se para se chegar a tocar correntemente. Claro está que, em livro de tão pequeno tomo era impossivel compendiar as regras para se tocar o que vemos executar aos guitarristas notaveis: mas o que podemos affiançar é que o nosso *Methodo* póde habilitar um principiante que nada saiba, a tocar o que geralmente por ahi se ouve.



Dedicâmos este livrinho á mocidade elegante da capital, por vermos que é ella a

que mais se dá ao estudo da guitarra. De-sejando, pois, que este instrumento, tão nosso e tão superior a qualquer outro, venha a conquistar o logar que de direito lhe pertence, a readquirir todo o esplendor e fama que já teve, e a deixar de ser dominio da classe baixa, offerecemol-o aos unicos que podem operar este milagre, e que podem fazer cessar a animadversão que ha contra elle.

Se aquelles a quem dedicâmos a nossa obra lhe derem o acolhimento que esperamos, se a nossa ideia fôr favoravelmente recebida pela classe a que nos dirigimos, desde já nos compromettemos a,—em posteriores edições,—melhorarmos este *Methodo* tanto quanto em nós couber, e a addicionar-lhe novas regras e preceitos para a execução de peças novas.



Para fecharmos este extenso aranzel, seja-nos permittido transcrevermos aqui uns

expressivos versos que lemos algures, e que são devidos á penna do sr. J. I. d'Araujo; não poderíamos achar outros, feitos mais de molde para este caso, e que melhor exprimissem os nossos sentimentos e ideias: eil-os:

Toque o fado a gente toda
D'este amado Portugal,
Sôe terna ou jovial
A guitarrinha adorada
E dêmos, rapaziada,
Honra ao fado nacional!

MODO D'ENCORDOAR A GUITARRA

Para este fim deve-se escolher as cordas que competem ás respectivas escaravilhas: deverão ser perfectas e cristallinas e que, tomando-se uma extremidade em cada mão e ferindo-se com qualquer dos dedos desoccupados, — as suas vibrações sejam eguaes: se o são é porque a corda é de bôa qualidade: de contrario, isto é, se as vibrações que produz são deseguaes e parecem ser o som de duas cordas, é porque, positivamente a corda não presta. É esta a maneira de a experimentar.

Quando se viu que a corda é bôa, e depois de feita a azelha competente, passa-se a collocal-a na guitarra pela fórma seguinte:

Primas. — Engatamos a primeira no primeiro botão de marfim, marcado com a letra **A** na estampa n.º 1, e depois de a passarmos com cuidado por sobre o cavalete, prolongamol-a em linha recta pelo braço da guitarra até chegar á escaravelha em que deve ser preza e que é a 2.^a: então ligamol-a com solidez e de fórma que, ao apertar-se a escaravelha, a corda fique do lado de fóra (lado direito). Está assim encordoada a primeira das *primas*: com a segunda *prima*, executaremos o mesmo expediente, advertindo sómente que deverá ser ligada á escaravelha n.º 1, e deverá tambem dar volta pelo lado direito, como acima se disse.

Segundas. — Ás *segundas* competem as escaravelhas n.ºs 3 e 4, sendo a n.º 3 á primeira e a n.º 4 á immediata: o modo de as collocar é o mesmo que indicámos

tendo apenas em vista que ambas ellas devem ficar do lado esquerdo, e não do direito como as *primas*.

Toeiras. — Pertencem ás escaravelhas n.^{os} 5 e 6. Deverão dar volta pelo lado esquerdo.

Bordões. — Os bordões da guitarra são tres: o de *primas*, o de *segundas* e o de *toeiras*. O *bordão de primas* deve ficar na escaravelha n.^o 7, e é encordado da mesma fórma que qualquer das outras cordas: dá volta pelo lado direito. Segue-se-lhe uma *prima*, a que se chama *prima de baixo* e á qual pertence a escaravelha n.^o 8. Depois é o *bordão de segundas*, encordado da mesma fórma que o antecedente, na escaravelha n.^o 9, e na n.^o 10 uma *segunda*, chamada *de baixo*, que acompanha este bordão. Immediata a esta *segunda* é uma *toeira* chamada *toeira de baixo*, que pertence á escaravelha n.^o 11 e que dá volta pelo lado de fóra (esquerdo).

Na escaravelha n.^o 12 deve collocar-se o *bordão de toeiras*, tambem chamado *bor-*

dão grande, dando egualmente volta pelo lado de fóra.

Assim se encordôa a guitarra, devendo haver toda a observancia n'estas regras, para que fique bem preparada. Quanto ás cordas, se bem que alguns digam que as inglezas são as melhores, nós achamos que as portuguezas, fabricadas em Lisboa, sendo das de qualidade superfina, são superiores a quaesquer outras. As *primas* são as de n.º 9 as melhores, e as que mais supportam o aperto, podendo, por isso, levar-se a afinação da guitarra a um tom muito elevado, o que sempre é muito mais agradável ao ouvido que uma afinação em tom baixo; as *segundas*, do n.º 6, e as *toeiras* do n.º 5. Quanto aos *bordões*, os mais caros são sempre os que devem ter a preferencia.

MODO DE AFINAR

É isto uma das maiores difficuldades para os que aprendem guitarra. A guitarra é um instrumento a que se póde dar um sem numero de afinações, conforme as peças que se quer tocar. Além d'isto, ainda que se queira afinal-a em uma occasião, para servir d'ahi a meia hora,— n'este mesmo pequeno espaço de tempo, ella se desafinará por si: não muito, mas o bastante para que se não possa tocar, sem novamente a acertar. Por isso o guitarrista, de cada vez que queira tocar, terá sempre

a afinar uma ou outra corda, que deu de si, enquanto a guitarra esteve sem servir.

Todavia, apesar das muitas e differentes afinações que se lhe podem dar, como este nosso methodo é muito elementar e só destinado a habilitar aos principiantes nos primeiros rudimentos,—não trataremos senão de uma afinação e que é a, geralmente, mais usada: a chamada *afinação do fado corrido*. Eis a maneira de a saber:

Primas. — Para afinarmos as *primas*, desaperta-se a escaravelha n.º 1, até que a cõrda que a ella está presa fique bamba completamente: depois apertamos a escaravelha gradualmente, com cuidado, e vamol-a ferindo com a unha do dedo indicador até que a corda dê um som bem agudo, bem alto, mas claro e distincto: então apertamos a escaravelha n.º 2 e pômos a segunda *prima* no mesmo tom *exactissimamente* da primeira. Quando o som d'esta fôr precisamente o mesmo que o da outra, estarão afinadas e certas ambas as *primas*.

Segundas. — Para que as segundas fiquem afinadas é necessario que o seu som, pisadas no *segundo ponto*¹, seja perfeitamente igual ao som das *primas* tocadas em vão, isto é, tocadas sem que a mão esquerda as pise em ponto algum: quando, d'esta fórma, o som de umas e outras seja unisono, estão afinadas as *segundas* e resta apenas estabelecer a mesma afinidade entre as duas *segundas*, cujos sons devem tambem não fazer a minima differença.

Toeiras. — O som da *toeira* deve ser, pisada no 5.^o ponto, igual ao som das *segundas*, tocadas em vão. Certas que estejam, ha só a egualar as duas *toeiras* uma com outra.

Bordão de primas e prima de baixo. — Para afinar estas duas, ha apenas a pôr a *prima* perfeitamente igual ás *primas* (das escaravelhas n.^{os} 1 e 2); o bordão tem a mesma afinação, apenas com a differença

¹ *Ponto* é o espaço que medêa entre um e outro fio de metal, no braço da guitarra, e marcado nas nossas estampas com traços perpendiculares.

de ser o mesmo tom, mas em oitava abaixo, isto é, que pisado doze pontos mais abaixo o som seja o mesmo da *prima*.

Bordão de segundas e segunda de baixo.— As mesmas regras, exactamente, applicadas ás *segundas*.

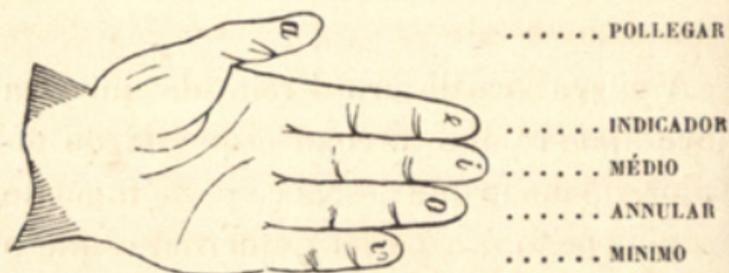
Bordão de toeiras e toeira de baixo.— O som d'esta *toeira* tocada em vâo, deve ser o mesmo que o da *prima de baixo* pisada no 3.^o ponto. O bordão tambem deve dar (tocado em vâo) o mesmo som que o *bordão de primas* pisado no 3.^o ponto. Tanto a *toeira* como o *bordão* afinam-se tambem da seguinte fórma: pisando o *bordão de toeiras* e a *toeira de baixo* no 2.^o ponto, e ferindo as *toeiras* (das escaraveilhas n.^{os} 5 e 6) em vâo; sendo os sons de todas ellas eguaes, estão afinadas.

POSIÇÃO DA GUITARRA E MODO DE TOCAR

A curvatura do aro direito da guitarra deve apoiar sobre a coxa esquerda do tocador, de modo que descance perfeitamente entre o peito e a perna esquerda, e que o braço esquerdo, sobre cujo ante-braço descansa o braço da guitarra, fique desembaraçado e liberto para que a mão esquerda possa correr rapidamente todos os pontos, como melhor se verá na estampa em frente do frontispício. Deve o tocador, porém, seguindo á risca estes preceitos, diligenciar que a sua posição seja airosa e natural quanto possível.

O braço direito cairá naturalmente, sem opprimir a guitarra, e de modo que a mão direita venha a dar com as pontas dos dedos sobre as cordas.

Para melhor comprehensão das regras que expomos, eis a denominação que se dá aos differentes dedos, tanto da mão esquerda como da direita:



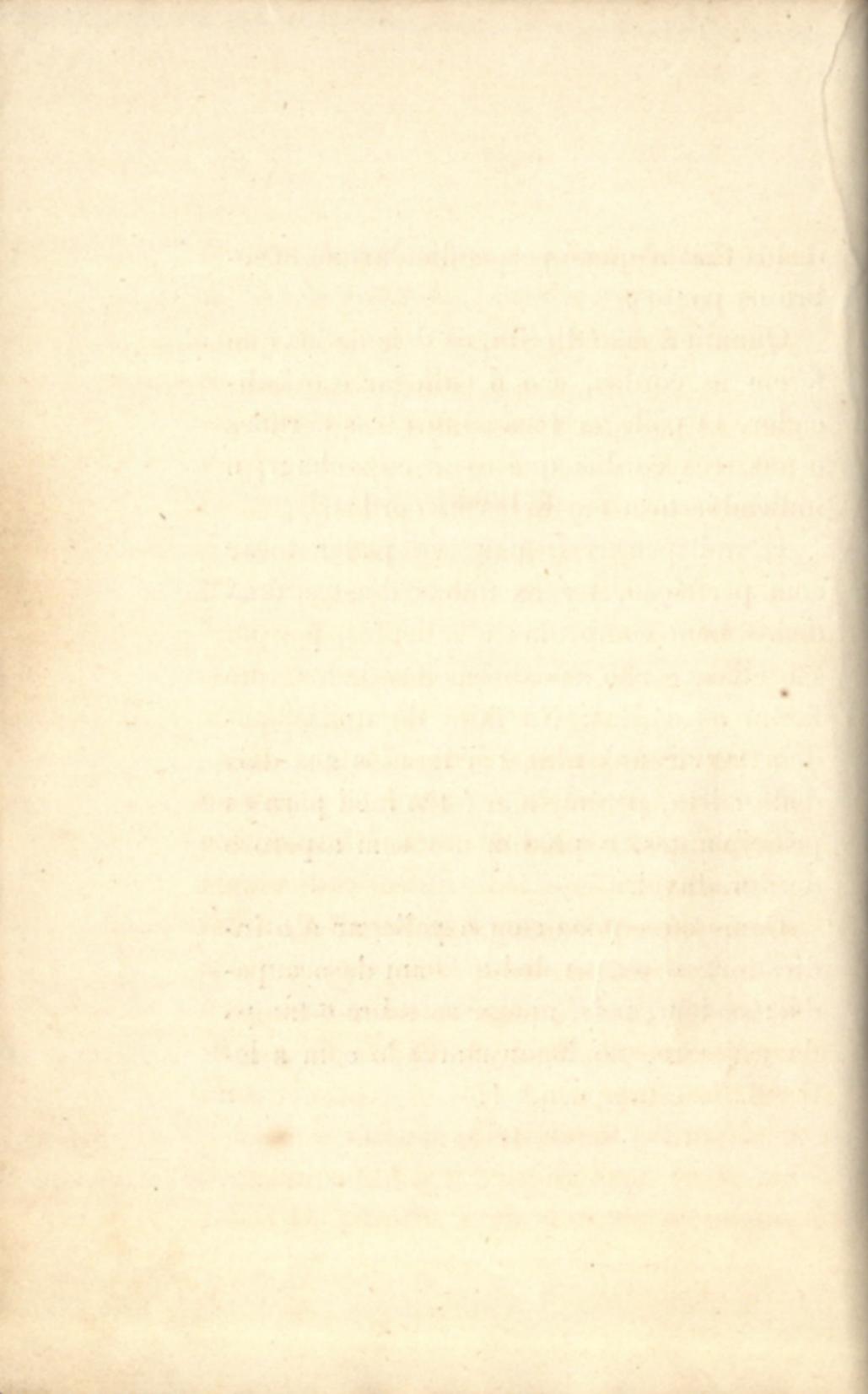
A mão esquerda deve estar collocada de maneira que os dedos possam pisar as cordas com toda a liberdade, para cujo fim se carregará, com força, com as cabeças dos dedos em os diversos pontos da guitarra; para pisar as cordas e para que se lhes não abafe o som, é necessario que os

dedos caíam quasi perpendicularmente sobre os pontos.

Quanto á mão direita, os dois dedos que ferem as cordas, são o pollegar e o indicador. O pollegar toca só nos tres bordões e nas tres cordas que os acompanham; o indicador toca em todas as cordas.

É indispensavel, para se poder tocar com perfeição, ter as unhas d'estes dois dedos bem compridas e salientes, porque são ellas, e não as cabeças dos dedos, que ferem as cordas. Na falta de unhas, podem servir uns alfinetes ligados aos dois dedos: isto, porém, não é tão facil para os principiantes, e produz um som aspero e desagradavel.

Como só se toca com o pollegar e o indicador, os outros dedos ficam desoccupados; podem, pois, apoiar-se sobre o tampo da guitarra, no lugar marcado com a letra **B** na estampa n.º 1.



METHODO

Preparado assim o principiante e sabendo já de que modo se toca e se pisam as cordas, póde começar a exercitar-se nos primeiros rudimentos. Estes rudimentos são os que estão na estampa n.º 2, e devem executar-se tendo sempre em vista todas as regras que já indicámos.

Os numeros 1, 2, 3, 4, 5 e 6, que se vêem no lado esquerdo da estampa, servem para differençar as cordas:—o n.º 1 indica as duas *primas*, o n.º 2 as duas *segundas*, o n.º 3 as duas *toeiras*, o n.º 4 o

bordão de primas e a *prima de baixo*, o n.º 5 o *bordão de segundas* e a *segunda de baixo*, o n.º 6 o *bordão grande* e a *toeira de baixo*. As letras **A** e **E** indicam os dedos que se devem empregar para ferir as cordas: isto é, as tres cordas designadas com a letra **A**, devem ser tocadas com o dedo pollegar que na gravura da pagina 22, tem esta inicial como distinctivo: as outras tres, que têm a letra **E**, deverão sê-lo com o dedo indicador, designado na referida gravura com a letra **E**.

Os traços horisontaes representam as cordas, e os traços verticaes os pontos da guitarra. Os numeros collocados gradualmente sobre as cordas, servem para indicar o ponto em que se deve pisar a corda sobre a qual se vê o numero; os zeros ○ designam a corda que se deve ferir em vão, quer dizer, sem ser pisada em nenhum ponto.

Para a maneira de pisar as cordas deve o principiante ter sempre bem presentes todos os preceitos que temos recommen-

dado, tendo em vista que o dedo pollegar só serve para pisar o *bordão grande* e a *tocira de baixo*, por isso que o braço da guitarra passa por entre este dedo e o indicador. Quanto aos outros dedos, podem pisar todas as cordas.

Certo de todas estas regras, poderá o principiante começar a executar os exercicios referidos (estampa n.º 2), da seguinte fórma :

1.º Tocando na corda n.º 2 (v. a estampa) em vão, com o indicador da mão direita, mas sem esforço e de modo que o som seja claro, sonoro, e não fira o ouvido por demasiado vibrante.

2.º Tocando, tambem em vão, com o dedo pollegar na corda n.º 5.

3.º Tocando exactamente como no n.º 1.

4.º Com o pollegar no n.º 6.

5.º Com o indicador no n.º 2.

6.º Com o pollegar no n.º 5.

7.º Com o indicador no n.º 2.

8.º Com o pollegar no n.º 4, pisando a no 3.º ponto.

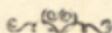
O resto é a repetição d'estas oito vibrações, isto é, o 9.^o é igual ao 1.^o, o 10.^o igual ao 2.^o, o 11.^o igual ao 3.^o, o 12.^o igual ao 4.^o, e assim consecutivamente, como ensina a estampa n.^o 2.

Terminaremos recommendando aos principiantes todo o cuidado na perfeita execução do que forem aprendendo, pois é no principio do estudo que se deve adquirir o habito da perfeição na execução do que se toca. Sobretudo nos primeiros rudimentos, é indispensavel toda a perseverança e afinco, até se conseguir tocá-los bem, e não passar para um novo exercicio, sem se saber perfeitamente o anterior.

FIM

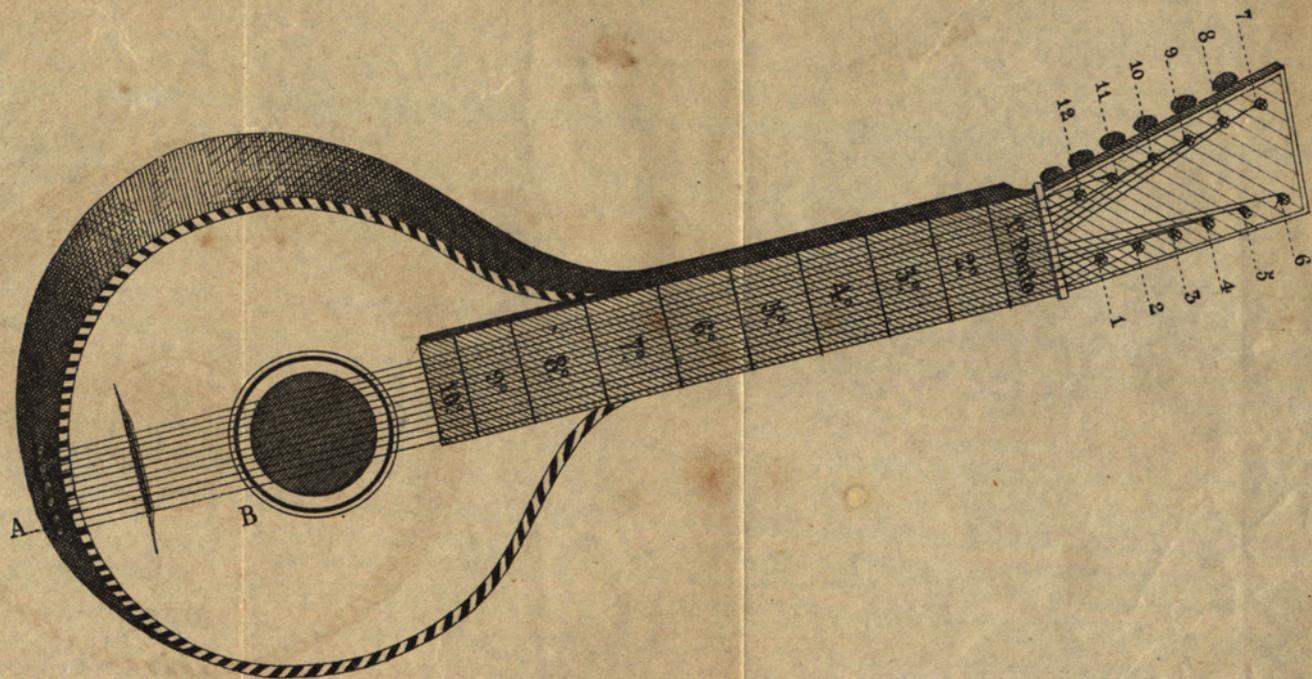
INDICE

	Pag.
Prefacio	5
Modo d'encordoar	13
Modo d'afinar.....	17
Modo de tocar	21
Methodo	25



ESTAMPAS

LIBRARY



Lith. Souza, P. Magdalena de Lisboa

EXERCICIOS

1.º

A musical exercise consisting of two staves. The top staff has a treble clef and contains a sequence of 20 quarter notes, all on the G line (the second line from the bottom). The bottom staff has a bass clef and contains a sequence of 20 quarter notes, all on the G line (the second line from the top). The notes are connected by a single horizontal line. The exercise is divided into four groups of five notes each. The first group has a '1' below the first note. The second group has a '3' below the first note. The third group has a '3' below the first note. The fourth group has a '3' below the first note. On the left side, the numbers 6, 5, 4, 3, 2, 1 are written vertically next to the staves. On the right side, the letters A, A, A, E, E are written vertically next to the staves.

2.º

A musical exercise consisting of two staves. The top staff has a treble clef and contains a sequence of 20 quarter notes, all on the G line (the second line from the bottom). The bottom staff has a bass clef and contains a sequence of 20 quarter notes, all on the G line (the second line from the top). The notes are connected by a single horizontal line. The exercise is divided into four groups of five notes each. The first group has a '2' below the first note. The second group has a '2' below the first note. The third group has a '2' below the first note. The fourth group has a '2' below the first note. On the left side, the numbers 6, 5, 4, 3, 2, 1 are written vertically next to the staves. On the right side, the letters A, A, A, E, E are written vertically next to the staves.

para acompanhar

A musical exercise consisting of two staves. The top staff has a treble clef and contains a sequence of 20 quarter notes, all on the G line (the second line from the bottom). The bottom staff has a bass clef and contains a sequence of 20 quarter notes, all on the G line (the second line from the top). The notes are connected by a single horizontal line. The exercise is divided into four groups of five notes each. The first group has a '3' below the first note. The second group has a '2' below the first note. The third group has a '3' below the first note. The fourth group has a '2' below the first note. On the left side, the numbers 6, 5, 4, 3, 2, 1 are written vertically next to the staves. On the right side, the letters A, A, A, E, E are written vertically next to the staves.

FADO CORRIDO

SINGELO:

6 5 4 3 2 1

VARIANTES:

6 5 4 3 2 1

6 5 4 3 2 1





